



“A.C.Celse”, litografia de Pierre Vigneron, Paris, c. 1865.

## O Desenvolvimento da Medicina

### Aulus Cornelius Celsus

(c. 25 a.C. - c. 50 d.C.)

Este é um trecho do “Proêmio” da obra *Da Medicina*, do enciclopedista romano A.C. Celsus, que viveu na província de Gallia Narbonensis, hoje sul da França.

Versões integrais em latim e inglês, e do proêmio em espanhol, se encontram na internet. Tradução em inglês feita por W.G. Spencer, Loeb Classical Library, Londres, 1935. Tradução em espanhol feita por C.C. Farrú, *Ars Medica 4*, Santiago, 2001. Números indicam as sentenças do texto em latim.

Tradução feita para o curso de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência I (FLF0366), prof. Osvaldo Pessoa Jr., 2º semestre de 2007.

[9-11] Nessa época a arte da medicina foi dividida em três partes: uma que cura pela dieta, a segunda por medicamentos, e a terceira pela mão. Os gregos denominaram a primeira dietética, a segunda farmacêutica e a terceira cirurgia. Os autores que são os mais ilustres dessa parte que cura as doenças pela dieta, tratando de examinar ainda mais profundamente certas coisas, reclamaram para si também o conhecimento da natureza, pois sem este a medicina ficaria truncada e debilitada. Depois deles, Serapião foi o primeiro a declarar que esse método de raciocínio não era de forma alguma apropriado à medicina, e a fundou apenas na prática e na experiência. Em seguida Apolônio e Glaucias, e um pouco depois Heráclides de Tarento, e outros homens de valor, chamaram a si mesmos de “empíricos”, de acordo com a doutrina que professavam. Assim, essa arte da medicina que cura por meio da dieta também foi dividida em duas partes, uns afirmando uma arte racional, e os outros uma arte somente prática. Mas depois daqueles mencionados acima, ninguém mais se preocupou com nada, salvo com o que havia sido recebido pela tradição, até que Asclepiades modificou em grande medida a maneira de curar. Dentre seus sucessores, Temisão, em sua velhice, introduziu certas modificações. Graças em especial e esses homens,

prosperou essa profissão provedora de saúde para todos. [...]

[13-16] Aqueles, então, que professam uma teoria racional da medicina [os dogmáticos] afirmam que é necessário, primeiro, um conhecimento das causas ocultas que envolvem as doenças, e depois, das causas evidentes, e em seguida também das ações naturais, e por fim das partes internas. Chamam “causas ocultas” àquelas que se identificam com os princípios de que se compõe nosso corpo, que favorecem ou prejudicam nossa saúde. Pois acreditam que é impossível, para alguém que ignora a origem das doenças, aprender como tratar deles de maneira apropriada. Também não duvidam que haja necessidade de tratamentos diferentes, caso o excesso ou deficiência de um dos quatro princípios [quente, frio, seco, úmido] provocar má saúde, como afirmaram certos filósofos; caso toda deficiência estiver nos humores, segundo a concepção de Herófilo; caso esteja no ar, como pensou Hipócrates; caso o sangue se transfira às veias que são apropriadas ao ar e suscite uma inflamação, resultando num distúrbio como a febre, como ensinou Erasístrato; ou caso pequenos corpúsculos pararem ao passar pelos invisíveis poros e assim os entupirem, como afirmou Asclepiades. Aplicará o tratamento correto aquele que tiver acertado a origem primária da causa. Eles não negam que a

experiência também seja necessária, mas afirmam que nem se poderia ter chegado a ela se não fosse a partir de um certo raciocínio. [...]

[18-19] Chamam de “evidentes” as causas que se identificam com o frio ou o calor, com a fome ou a fartura, e coisas parecidas que ocasionam a doença. Dizem que resistirá ao mal aquele que não desconheça sua origem. Por outro lado, denominam “ações naturais do corpo” aquelas pelas quais inspiramos ou expiramos ar, ingerimos e digerimos comida e bebida, assim como aquelas ações pelas quais a comida e a bebida são distribuídas por toda parte dos membros. [...]

[23-24] Além disso, como as dores e os mais variados gêneros de doenças surgem nas partes mais interiores, eles defendem que ninguém que desconheça essas partes pode lhes aplicar remédios. Afirmam portanto que é necessário fazer incisões nos corpos dos mortos e escrutinar suas vísceras e intestinos, e que quem de longe fez isso melhor foram Herófilo e Erasístrato, que fizeram incisões em criminosos recebidos vivos do cárcere das mãos dos reis, e observaram, enquanto ainda respiravam, as partes que antes a natureza havia ocultado, e sua posição, cor, forma, tamanho, arranjo, dureza, maciez, lisura, relações, e ainda o avanço e retrocesso de cada uma delas, e se alguma parte se insere ou recebe em si alguma outra. [...]

[27-28] Por outro lado, aqueles que, por se basearem na experiência, denominam a si mesmos de empíricos, aceitam como necessárias, sem dúvida, as causas evidentes, mas afirmam que a investigação de causas ocultas e de ações naturais é supérflua, pois a natureza não é compreensível. [...]

[32] Segundo eles, devido ao desacordo que há entre os que discutiram esses assuntos, é patente que a natureza não pode ser compreendida, já que nem os filósofos, nem os próprios médicos chegaram a um acordo. Que tais especulações em nada concernem à arte da medicina pode ser depreendido do fato de que homens com

diferentes opiniões sobre esses assuntos curam igualmente bem seus pacientes. Isso acontece [segundo os empíricos] não porque [os dogmáticos] tenham deduzido linhas de cura a partir de causas ocultas ou de ações naturais, seguindo suas diferentes opiniões, mas sim porque o fizeram a partir da experiência do que havia dado certo. [...]

[54-57] [...] E alguns médicos de nosso tempo, seguindo a autoridade de Temisão, como eles mesmos querem que pareça, sustentam que nenhum conhecimento de causa serviria para o tratamento, mas que basta observar certas características comuns às doenças. Destas haveria três gêneros: um estreito, o segundo fluido e o terceiro misto. Pois os doentes às vezes excretam muito pouco, outras vezes demais; outras vezes, de uma parte pouco, de outra em demasia; e esses gêneros de doenças ora são agudos, ora crônicos, às vezes se intensificam, outras se mantêm constantes, outras se atenuam. Uma vez que se identifique qual desses casos se apresenta, então se o corpo estiver tenso, ele deve ser relaxado; se padece de diarreia, deve ser contido; e se tiver uma mistura de males, então o mais intenso deve ser combatido primeiro. Além disso, devem-se tratar as doenças agudas de uma forma, e as crônicas de outra; as que estão aumentando de uma forma, as estacionárias de outra, e as que estão regredindo de outra. Segundo eles, a medicina consiste da observação dessas coisas, e a definem como uma certa via que chamam de “método”, e afirmam que a medicina deve observar as características comuns às doenças. Eles não querem ser incluídos entre os racionalistas, nem entre os que consideram somente a experiência; ao se nomearem “metódicos” eles se separam dos primeiros, pois negam que a medicina consista na conjectura de causas ocultas, e dos segundos, pois pensam que há pouca arte na observação da experiência.